SBQP 2023
SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO

Sustentabilidade e Responsabilidade Social no Projeto. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). De 16 a 18 de Novembro, Pelotas, RS, Brasil.

A PERCEPÇÃO DAS PESSOAS QUANTO À ACESSIBILIDADE NO CENTRO DE APOIO À PESQUISA PALEONTOLÓGICA – CAPPA [1]

BENETTI, Julia Pivetta (1); NASCIMENTO, Luis Eduardo (2); MAROSTEGA, Valéria Rolim (3); DORNELES, Vanessa Goulart (4)

(1) Universidade Federal de Santa Maria, julia.benetti@outlook.com

(2) Universidade Federal de Santa Maria, luiseduardo96@gmail.com

(3) Universidade Federal de Santa Maria, arq.valeria@hotmail.com

(4) Universidade Federal de Santa Maria, vanessa.g.dorneles@ufsm.br

RESUMO

O CAPPA é um Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica, localizado em São João do Polêsine - RS. O trabalho tem como objetivo avaliar a acessibilidade no local através da percepção de seus usuários. A pesquisa contou com o desenvolvimento de quatro métodos, sendo inicialmente uma visita exploratória, após uma entrevista semiestruturada, checklist de acessibilidade e, por fim, passeios acompanhados. O passeio acompanhado foi realizado com uma pessoa em cadeira de rodas, uma pessoa com deficiência visual total e uma pessoa visitante pela primeira vez. Ao final, algumas barreiras foram detectadas, localizadas no acesso ao Centro, por exemplo, como a escada inadequada e a falta de uma rampa conforme a norma de acessibilidade.

Palavras-chave: *CAPPA. Arquitetura. Acessibilidade.*

ABSTRACT

CAPPA is a Support Center for Paleontological Research, located in São João do Polêsine - RS. The work aims to evaluate the accessibility in the place through the perception of its users. The research involved the development of four methods, initially an exploratory visit, after a semi-structured interview, an accessibility checklist and, finally, guided tours. The escorted tour was conducted with one person in a wheelchair, one person with total visual impairment and one person visiting for the first time. In the end, some barriers were detected, located in the access to the Center, for example, the inadequate stairs and the lack of a ramp according to the accessibility standard.

Keywords*: CAPPA. Architecture. Accessibility.*

1 INTRODUÇÃO

Todos os espaços devem ser acessíveis às pessoas, independente de suas habilidades

[1] BENETTI, Julia Pivetta; NASCIMENTO, Luis Eduardo; MAROSTEGA, Valéria Rolim; DORNELES, Vanessa Goulart; A Percepção das pessoas quanto à acessibilidade no Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica – CAPPA. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 8., 2023, Pelotas. **Anais**... Pelotas: PROGRAU/UFPEL, 2023. p. 1-10. DOI https: //doi.org./ 10.46421/sbqp.v3i.3883

ou capacidades físicas, quando se trata de um espaço de visitação pública, a preocupação com o mais amplo acesso é ainda mais imprescindível. Este estudo foi realizado no Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica da Quarta Colônia (CAPPA), e procura discutir as condições de acessibilidade a partir da percepção de pessoas com e sem deficiência. Uma vez que a acessibilidade no ambiente construído não deveria ser entendida como medidas que favorecem apenas as pessoas com deficiência, mas sim ações que se destinam a acolher todos os usuários (DUARTE; COHEN, 2005). Este local, além de receber visitações esporádicas para conhecimento de seu acervo, também é destinado a receber grupos escolares, que por sua vez congregam indivíduos com as mais variadas características.

A acessibilidade espacial está relacionada a possibilidade de participar e usar os espaços por todos os usuários, em circunstâncias de igualdade e sem haver discriminação (OLIVEIRA, 2006). Segundo Norma Brasileira de Acessibilidade - NBR 9050/2020 – a acessibilidade é definida como:

> possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. (ABNT, 2020, p. 2)

Em relação às barreiras, Benvegnú (2009, p. 72) relata que "As barreiras à acessibilidade são inúmeras e de natureza variada. Algumas barreiras à acessibilidade podem ser materialmente visíveis e outras podem ser comportamentais", ou seja, quando o ambiente passa a restringir as atividades das pessoas surgem estas limitações, que podem ser classificadas em barreiras físicas, informativas e atitudinais.

As barreiras físicas podem ser identificadas como qualquer elemento presente na edificação ou no contexto urbano que dificultem as atividades ali realizadas (BENVEGNÚ, 2009). Quanto as informativas, define-se quando há a ausência de informações ou sinalizações no espaço, bem como informações erradas, atrapalhando a orientação dos indivíduos (DORNELES, ANDRADE, BINS ELY, 2011). Já as atitudinais estão inseridas no contexto social e surgem através de ações ocasionadas pela desinformação ou preconceito, por isso é importante a constatar tais comportamentos, para promover a inclusão das pessoas com deficiência através do respeito e da conscientização (DISCHINGER, BINS ELY, PIARDI, 2012).

No Brasil, existe a Lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência — Lei no 13.146, de 6 de julho de 2015 — em que estabelece como pessoa com deficiência "aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas" (BRASIL, 2015).

A deficiência motora, altera a motricidade da pessoa, o que acarreta dificuldades, ou bloqueio, na realização de movimentos, afetando a realização de tarefas que necessitam de força física, coordenação motora ou relacionadas à mobilidade (DISCHINGER, BINS ELY, PIARDI, 2012). Uma vez que as características do espaço são importantes para a redução das dificuldades encontradas por pessoas com deficiências físico-motoras (DISCHINGER, BINS ELY, PIARDI, 2012). Já a deficiência visual, é classificada como uma deficiência sensorial em que existem perdas no

sistema de percepção da pessoa, dificultando assim o processamento de diversas informações do ambiente (DISCHINGER, BINS ELY, PIARDI, 2012).

Conforme a Norma Brasileira de Acessibilidade - NBR 9050/2020 (p. 4), o desenho universal "tem como pressupostos: equiparação das possibilidades de uso, flexibilidade no uso, uso simples e intuitivo, captação da informação, tolerância ao erro, mínimo esforço físico, dimensionamento de espaços para acesso, uso e interação de todos os usuários". Dessa forma então, os espaços precisam estar preparados para receber pessoas com ou sem deficiência, tornando a experiência no local segura, agradável e plena.

Sendo assim, este trabalho propõe uma avaliação das condições de acessibilidade do edifício do Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica da Quarta Colônia (CAPPA), a partir da percepção de pessoa com deficiência motora, deficiência visual e visitante sem deficiência, buscando identificar quais barreiras o local apresenta para estes indivíduos com o objetivo de propor melhorias de acessibilidade para o local. Esta avaliação contou com os seguintes métodos: visita exploratória, entrevista semiestruturada, checklist de acessibilidade e passeios acompanhados. Com isto foi possível identificar algumas problemáticas como: a rampa de acesso à edificação, ausência de sinalização em Braille, demarcação de trajeto de visitação para fazer sem o guia, entre outros. Os dados geraram um quadro de recomendações de melhorias que atendem os problemas encontrados.

2 O CAPPA

O local de estudo foi o Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica da Quarta Colônia (CAPPA), localizado no município de São João do Polêsine – Rio Grande do Sul, que possui aproximadamente 2.535 habitantes (IBGE, 2021). Sua criação tem como intenção fornecer amparo à pesquisa paleontológica na Quarta Colônia (municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Restinga Seca, São João do Polêsine, Ivorá, Silveira Martins, Nova Palma e Pinhal Grande) (CAPPA/UFSM, 2023). O centro integrou a Universidade Federal de Santa Maria, tendo sua inauguração em 2013 (CAPPA/UFSM, 2023). Os pesquisadores desse tema, possuem artigos publicados na revista de reconhecimento internacional, a *Nature*.

Sua missão é o mapeamento de novos sítios fossilíferos, monitoramento de lugares já conhecidos, coleta e guarda de fósseis de vertebrados e plantas, e como apoio aos desenvolvimentos de pesquisa de paleontologia e geologia (CAPPA/UFSM, 2023). O acesso ao edifício é por uma estrada sem pavimentação (Figura 1) no qual o percurso do pedestre e dos veículos são os mesmos. O edifício é térreo, com aproximadamente 1.125 metros quadrados, possui forma mais retangular e um anexo lateral, (Figura 2) tendo a entrada principal curva coberta e voltada para o sudeste. A sudoeste encontram-se os estacionamentos com piso intertravado. As circulações horizontais ao redor do edifício são pavimentadas.

Figura 1 - Acesso ao CAPPA



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

Figura 2 - Fachada principal do CAPPA

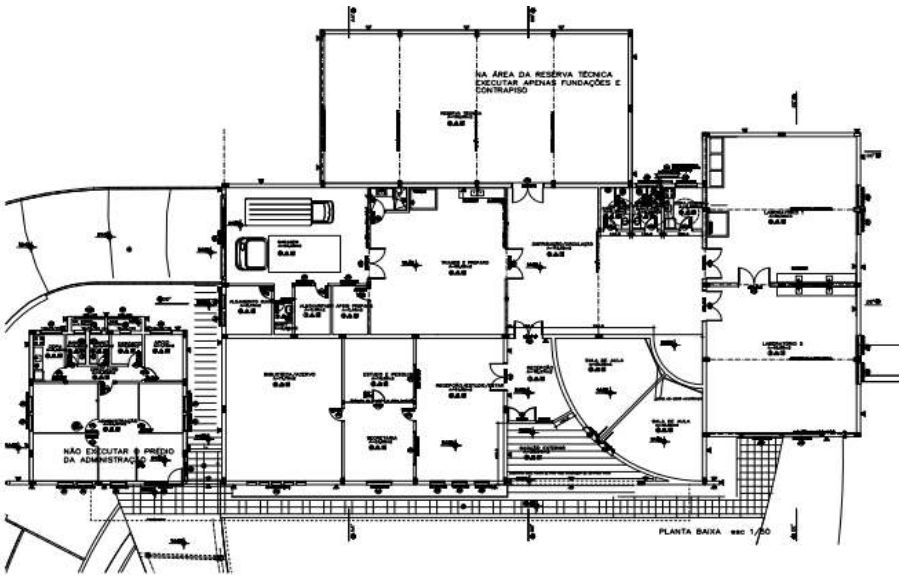


Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

Possui um amplo espaço verde de permanência, com gramado e árvores, que é utilizado em eventos como o Paleodia, realizado uma vez ao ano no município, no mês de outubro. Conforme informações da administração, no ano de 2022 ocorreu a 4ª edição, que recebeu cerca de 1500 pessoas para o evento.

A infraestrutura do Centro, conta com quatro salas para aulas e cursos, uma sala administrativa, uma sala para preparação, local para a exposição e recepção de visitantes, uma sala de reserva técnica (para abrigar a coleção científica) e alojamento para pesquisadores e estudantes (CAPPA/UFSM, 2023). A Figura 3 apresenta a planta baixa fornecida pela administração do Centro.

Figura 3 - Planta Baixa Térreo do edifício CAPPA



Fonte: Fornecida pelo CAPPA (2022)

3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Os procedimentos metodológicos utilizados para alcançar o objetivo deste trabalho (Figura 4) foram a realização, de uma visita exploratória ao local, entrevista semiestruturada com guia da exposição, planilhas técnicas de avaliação de acessibilidade que tinham como base a NBR 9050/2020 e passeios acompanhados com pessoas com e sem deficiências.

Figura 4 - Estrutura dos procedimentos metodológicos da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Inicialmente realizou-se uma visita exploratória ao local de estudo, com horário previamente marcado, que segundo Oliveira (2006) é um método que consiste em registrar o espaço construído em relação a acessibilidade, em que se realiza um levantamento de dados, com medições e registros em fotos. O espaço possui uma linha do tempo da evolução humana, juntamente com os fósseis dos animais encontrados na região. Alguns expositores apresentam fechamento em vidro, que são os fósseis originais, e alguns não possuem, que são as réplicas (Figura 5 a Figura 8).

Figura 5 – Sala de exposição entrada



Figura 6 – Sala de exposição



Figura 7 – Detalhe expositores



Figura 8 – Expositor na parede



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2022)

Realizou-se também uma entrevista semiestruturada, gravada, com um dos estudantes que é guia da exposição. Esse método consiste na preparação, por parte do entrevistador, de um roteiro base ou em perguntas empregadas de acordo com o andamento da entrevista, não tendo a obrigatoriedade de seguir o roteiro (RHEINGANTZ *et al*.,2009). A entrevista norteou-se com as seguintes perguntas: (1) Você conhece algum paleontólogo com deficiência? (2) Vocês têm recebido pessoas com deficiência para visitar o CAPPA? (3) Vocês recebem algum tipo de treinamento para ser guia da apresentação? (4) Qual roteiro seguido para a visitação. A transcrição das entrevistas não foi colocada na íntegra devido ao volume de páginas, apresentando neste artigo apenas os principais resultados.

Foram feitas também medições dos ambientes, consideradas importantes para a etapa dos passeios acompanhados. Para melhor compreensão do espaço, foram geradas perspectivas isométricas do local (Figura 9) e também cortes esquemáticos do sanitário acessível (Figura 10).

Figura 9 - Perspectiva do espaço de exposição



Figura 10 - Perspectiva do banheiro PCD existente



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Após a visita, efetuou-se o preenchimento de uma planilha técnica, tendo como base na Norma 9050/2020 que trata aspectos relacionados à acessibilidade. Tendo como base o material desenvolvido por Pinto (2017)[2], foi necessária uma atualização do ano da norma, já que o trabalho considerava a norma de acessibilidade do ano de 2015. Examinou-se aspectos de deslocamento, orientação, uso e comunicação, dispostos em linhas e colunas, identificando o item da norma usado como base para a avaliação, conforme modelo da Figura 11.

Figura 11 - Modelo de planilha de avaliação da acessibilidade

Nome: **CENTRO DE APOIO A PALEONTOLÓGICA - CAPPA**						AVALIADOR:		
Endereço: **Rua Maximiliano Vizzoto, 598**						DATA AVALIAÇÃO:		15/01/23
Cidade: **São João do Polêsine RS**						NÚMERO PLANILHA		01
A RUA EM FRENTE AO CENTRO DE APOIO À PESQUISA PALEONTOLÓGICA - CAPPA								
N.	**Legislação**		**Prioridade**	**Componente**	**Itens a Conferir**	**Resposta**	**Obs.**	**Parecer**
	Lei	**Artigo**						
Atravessando a rua								
1.1	X	X	Impede	Deslocamento	Existe travessia pública de pedestres?	NÃO		
								Os locais de travessia devem ter sinalização

Fonte: Alterado de PINTO (2017)

Ao total foram preenchidas seis planilhas técnicas de avaliação de acessibilidade do Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica, onde as planilhas contam entre 34 a 100 critérios de avaliação, impossibilitando sua representação na sua totalidade. Na planilha 01 analisou-se a rua em frente ao Centro, planilha 02 a entrada, planilha 03 a recepção, planilha 04 a circulação interna, planilha 05 a área de exposição e por fim, a planilha 06 do sanitário acessível.

Como último método aplicado, realizou-se passeios acompanhados com pessoas com e sem deficiências, sendo uma metodologia que consiste em acompanhar, sem o pesquisador intervir, em um passeio realizado por alguma pessoa que possua alguma restrição ou deficiência ou aspectos relevantes para o estudo (PINTO, 2017). O pesquisador define anteriormente as atividades que serão desenvolvidas, sem interferir nas respostas, devem ser realizados registros com fotografias, gravação em áudio e registro do percurso em planta baixa (PINTO, 2017).

Foram realizados três passeios acompanhados com dois homens e uma mulher, na faixa etária de 20 a 40 anos, onde todos não conheciam o local de estudo. O

[2] Esse autor elaborou as planilhas de avaliação com base em DISCHINGER, Mart; BINS ELY, Vera Helena; PIARDI, Sonia Maria. Promovendo a Acessibilidade nos Edifícios Públicos. Florianópolis: 2014.

participante do primeiro passeio utiliza cadeira de rodas motorizada. A participante do segundo passeio é uma visitante pela primeira vez sem deficiência e o participante do terceiro passeio apresenta cegueira e utiliza a bengala de guia para se deslocar. A participação foi de forma anônima e voluntária.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através das perguntas aplicadas obteve-se informações sobre a logística de como funciona a explicação da exposição e outras questões importantes. O entrevistado informou não conhecer paleontólogos com deficiência. Mencionou que o Centro já recebeu a visita de grupos da APAE (Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais), recepcionados pelos estudantes e relatou que sua primeira experiência em atender alguma pessoa com deficiência foi em um dos passeios acompanhados realizados para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Comentou que a demanda de visitas do centro cresceu, onde foi necessária a colaboração entre o grupo de alunos que atua no Centro, já que anteriormente os técnicos eram encarregados da explicação. Questionado a respeito se recebem algum tipo de treinamento para apresentar a exposição e explicar sobre os fósseis, afirma que não, mas que recebem um material de apoio como guia dos conteúdos e assuntos.

Sobre o roteiro da visita, relata que pode sofrer alteração, a depender do público recebido, se são crianças, por exemplo, a visita não iria se estender até a parte em que os pesquisadores exploram os fósseis encontrados. Devido à organização interna, preferem que os visitantes marquem horário para a visita à exposição. Em relação ao checklist de acessibilidade, um dos itens que chamou atenção é em relação a rua em frente a edificação não apresentar faixa de pedestre, rebaixo de meio fio, calçadas. A estrada que dá acesso a edificação não possui calçada nem pavimentação.

Para atender o que foi proposto neste trabalho, foram realizados três passeios acompanhados, sendo dois no dia 8 de dezembro de 2022 pelo turno da manhã e um passeio dia 10 de janeiro de 2023, também no turno da manhã. A atividade a ser desenvolvida pelo participante 01 era, chegar ao Centro, visitar a exposição e usar o banheiro acessível. O passeio acompanhado 02, tinha como roteiro chegar ao Centro e visitar a exposição. Já no passeio 03 o participante deveria chegar ao centro, visitar a exposição e utilizar o banheiro acessível. Estes trajetos estão demarcados na Figura 12 a seguir.

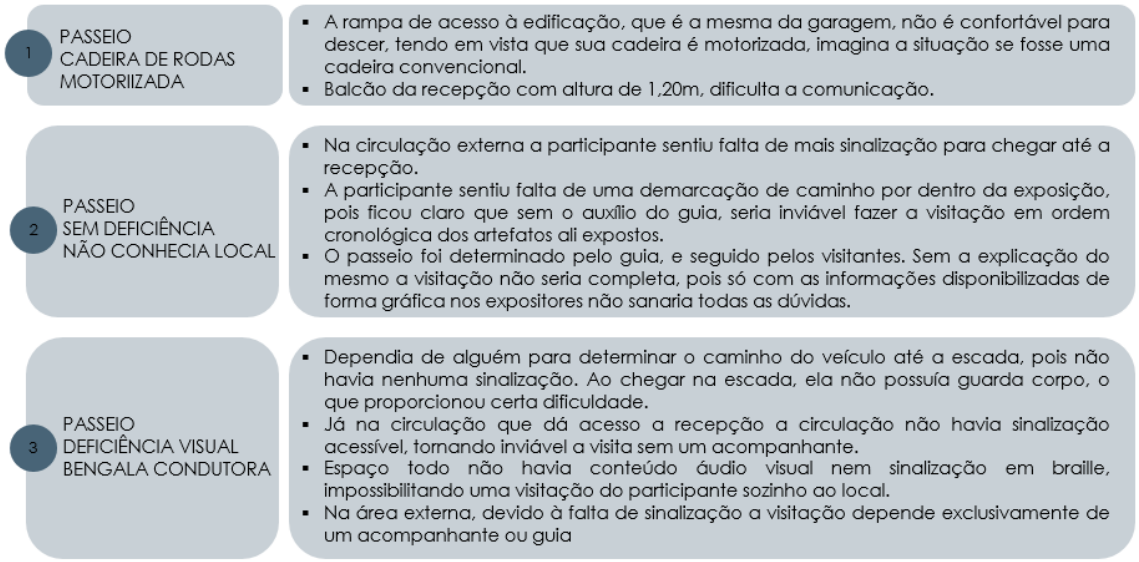
Figura 12 - Trajetos realizados nos passeios acompanhados



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Como forma de compilar os resultados, elaborou-se um quadro síntese dos problemas encontrados nos passeios acompanhados (Figura 13).

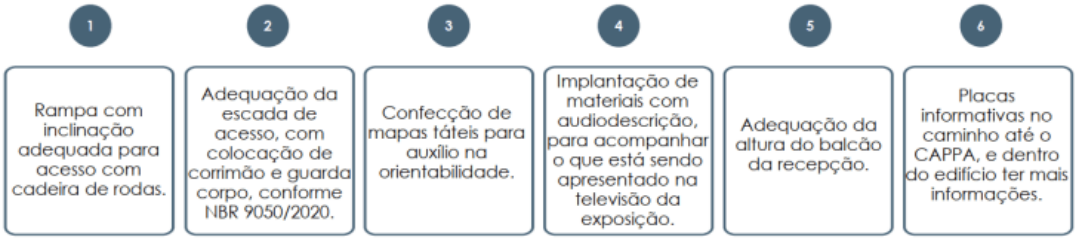
Figura 13 - Síntese dos problemas encontrados nos passeios acompanhados



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Com base nos problemas encontrados, foram feitas recomendações para melhorias da acessibilidade no local (Figura 14).

Figura 14 - Recomendações de melhorias para o local



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Essas recomendações visam sanar as problemáticas encontradas, possibilitando a autonomia no deslocamento das pessoas no centro e apreciação da exposição. Questões como a rampa e adequação de escadas (barreira arquitetônica) podem ser sanadas com projeto arquitetônico de acordo com as normas de acessibilidade vigentes. Já em relação aos mapas táteis e materiais de audiodescrição (barreira informativa), os mapas podem ser confeccionados com materiais alternativos, como papéis, até técnicas mais elaboradas como o caso de impressão tridimensional. A audiodescrição pode ser elaborada por meio de *softwares* ou gravação de áudio. A altura do balcão (barreira arquitetônica) pode ser resolvida com a elaboração de um projeto de mobiliário que atenda às especificidades dos indivíduos (crianças, idosos, pessoa com nanismo, pessoa com cadeira de rodas, etc). Para um melhor trajeto até o CAPPA são necessárias placas que direcionem os visitantes (barreira informativa), elaboradas pelo município sede juntamente com os municípios da Quarta Colônia e a própria UFSM, criando uma rota informativa.

5 CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo propor melhorias de acessibilidade para o Centro

de Apoio à Pesquisa Paleontológica. Com base na revisão bibliográfica pode-se aproximar de temáticas como tipos de deficiências, acessibilidade e barreiras. A partir da investigação identificou-se a existência de barreiras físicas, informativas e atitudinais, as recomendações projetuais visam melhorar o espaço, provendo uma qualificação, acolhendo mais visitantes. O estudo ocorreu sem fatores limitantes que impedissem a realização dos métodos propostos. Apesar da ausência de placas informativas e a distância do CAPPA em relação ao local de origem dos participantes, eles foram acompanhados pelos pesquisadores.

Ressalta-se a importância da realização de estudos como esse, espera-se que a pesquisa desenvolvida contribua para melhorar as condições de acessibilidade do local, com a eliminação das barreiras. Projetos de extensão são uma forma importante de integração entre a UFSM e a comunidade. Nesse sentido as ações realizadas pelo CAPPA, como visitas guiadas e o Paleodia, são fundamentais nessa relação, por isso a acessibilidade deve ser considerada. Para que independente de suas especificidades, o maior número de pessoas possa usufruir da estrutura e das atividades por eles desenvolvidas. Por fim, como sugestão para trabalhos futuros, recomenda-se que sejam feitas entrevistas com outros funcionários do Centro, de modo a ter outros relatos e percepções. Que sejam feitos passeios acompanhados com pessoas com outras deficiências ou restrições, promovendo assim uma avaliação mais completa do ambiente.

REFERÊNCIAS

ABNT ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: 2020.

BENVEGNÚ, E. M. Acessibilidade espacial requisito para uma escola inclusiva: Estudo de caso – Escolas Municipais de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação, UFSC, 2009.

CAPPA/UFSM. Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica. Disponível em: <https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ccne/cappa/sobre>. Acesso em: 26 jan. 2023.

DISCHINGER, Marta; BINS ELY, V. H. M.; PIARDI, S. M. D. G. Promovendo acessibilidade

espacial nos edifícios públicos: Programa de Acessibilidade às Pessoas com Deficiência ou Mobilidade Reduzida nas Edificações de Uso Público. MPSC, 2012.

DORNELES, Vanessa; ANDRADE, Isabela; ELY, Vera Helena. Acessibilidade Espacial e Processo Projetual. 2011.

DUARTE, C. R.; COHEN, R. Pesquisa e projeto de espaços públicos: rebatimentos e possibilidades de inclusão da diversidade física no planejamento das cidades. In: PROJETAR 2005 – II SEMINÁRIO SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA, 2005, Rio de Janeiro. **Anais** do II PROJETAR. 2005.

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2021. **Cidades e Estados**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/sao-joao-dopolesine.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

OLIVEIRA, A. S. D. A. D. Acessibilidade Espacial em Centro Cultural: Estudo de Casos. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2006.

PINTO, C. F. M. Acessibilidade Espacial em Centros de saúde em Florianópolis/SC: um estudo de caso. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2017.

RHEINGANTZ, P. A. et al. Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ: FAU-UFRJ, 2009.